A TERNURA E AFETIVIDADE EM GÁLATAS

Joel Antônio Ferreira

Introdução

Este título pode parecer estranho, exatamente porque se refere à comunidade gálata. Normalmente, quando o pensamento se volve a esta comunidade, pensa-se num outro tipo de linguagem, menos em "ternura". Quem não se adentrou na intimidade desta epístola, vê aí um texto cheio de apologia, de conflitos e tensões, uma carta que transparece um Paulo bom de briga, explosivo e vulcânico. Aqui, Paulo foi muito duro na defesa dos valores da vida e do Evangelho.

É possível, no meio desta firmeza do apóstolo, encontrar um Paulo carinhoso e amigo escrevendo palavras atenciosas e de afeição à comunidade gálata?

Recordemos o contexto da epístola: Paulo, ao fazer a segunda viagem missionária, passou pela Galácia. Ali, teve uma enfermidade que o reteve no local. Aproveitou o tempo da recuperação da doença para criar fortes laços comunitários. Na terceira viagem, estando em Éfeso ou Corinto, recebeu notícias de que as comunidades da Galácia, que pareciam estar fortes, haviam-se tornado vulneráveis com a presença de outros missionários que lá estiveram, após a partida de Paulo. Esta epístola exige de Paulo uma postura enérgica.

Uma outra coisa importante a ressaltar aqui é que, quando se pergunta a alguém desavisado: o que se diz nesta epístola de importante?, usualmente a resposta é mais ou menos assim: "Gálatas fala da 'justificação pela fé'".

É isto e muito mais. Resumiríamos assim:

A grande meta da Epístola aos Gálatas é o anúncio *universal – a judeus e gentios* – (2,1-10; 3,26.27.28d) do *Evangelho* (1,6-10; 1,15-24) que suscita a *fé* (2,16-17; 3,6-25; 3,26) em *Jesus Cristo* (1,4; 2,20; 3,26.28d), tornando a *todos* (3,26-28), pelo *Espírito* (3,2-5; 4,6; 4,29; 5,16-25), *filhos de Deus livres e iguais* (3,26; 4,1-8) porque *Deus é imparcial* (2,6), e proclamando *a liberdade cristã* (2,4; 4,21–5,1; 5,13) dentro da *unidade* (2,1-10; 3,26-28) *comunitária* (3,26-28; 5,16-6,10), apesar da *cruz* (2,19; 5,11.24; 6,12.14.17), rumo à *nova criatura* (6,15).

É nesta busca comunitária que vamos delinear a "ternura" de Paulo na epístola.

Galácia, gálatas e missionários judeu-cristãos

1. A Galácia é onde se situa hoje a atual Turquia, ao sul do Mar Negro, região da atual capital Ancara. O povo daí era formado por uma mistura de raças e de povos. Ha-

via, além dos habitantes do local, estrangeiros de várias partes, particularmente gregos e pessoas trazidas de outras regiões dominadas por Roma. Eram, na maioria, escravos para os latifúndios.

2. Há uma longa história, desde a imigração dos camponeses celtas em 279 aC até a criação da Galácia romana, por Augusto, em 25 aC. A Galácia passou a ser propriedade do imperador[1]. A constituição da população e o estilo de vida rural e agrícola nas montanhas faz a característica dos gálatas, dentro do sistema imperial escravagista. Estas regiões, tipicamente agrícolas, sofreram muito com as tantas passagens das tropas militares.

Além do poder bélico e da transformação econômica, havia o jugo desumanizante, presente em toda a parte, de um sistema escravagista, fato que determinava as relações entre a vida no campo (a Galácia era, preponderantemente, agrícola) e na cidade, condicionando todos os níveis da vida social[2].

Provavelmente, a situação da Galácia com a presença das tropas romanas, que iam e vinham, era muito desgastante. A tensão beligerante estava sempre acesa. O comércio de escravos angustiava os habitantes autóctones.

É a esta população com estilo de vida rural e agrícola nas montanhas, com seu relacionamento com a organização da *polis* de estilo greco-romano e com todas as suas implicações, que Paulo apresenta a carta da liberdade e da igualdade.

3. O que sabemos dos "missionários judeu-cristãos" tem que ser buscado na própria Epístola aos Gálatas. Pelo que transparece na missiva, estavam tendo certo sucesso em convencer os gentios da Galácia evangelizados por Paulo a aceitarem a lei, a fim de se tornarem herdeiros das promessas da Sagrada Escritura. Aqueles pregadores ensinavam aos gálatas que os convertidos só podiam pertencer ao povo de Deus caso se circuncidassem ou aceitassem a lei. Baseavam sua pregação, provavelmente, em Gênesis (Gn 17,9-14.26-27), para convencer os gálatas a se circuncidarem como Abraão e se tornar herdeiros das promessas.

A maior parte dos comentaristas desta epístola considera os gálatas como judeu-cristãos. O próprio Paulo dá-nos pistas significativas (Gl 1,6-9; 3,1-2.5; 4,17; 5,7.10b-12; 6,12-14). Paulo não os considera opositores seus, mas do próprio Deus. Provavelmente, na ótica dos missionários, o contrário também era verdadeiro.

Sobre a motivação daqueles missionários, é importante adiantar que eles saíam em missão também para os gentios, embora dentro de um outro projeto. Eles tinham tam-

1. TAMEZ, Elsa. *Contra toda Condenação – Justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 120.
2. ANDERSON, Ana Flora. "O Evangelho da Liberdade". In: *Estudos Bíblicos* (1987), n. 2, p. 38-49.

bém perspectivas missionárias. Para descobrir o que eles pregavam, é preciso encontrar o "princípio do contrário", isto é, ler a carta de Paulo na ótica dos missionários[3].

O maior conflito da epístola aos gálatas, pelo documento que temos, é a alternativa: ou "a missão aos gentios exigindo plena proselitização" ou "a missão aos gentios sem exigir a lei".

Por que esse amor pela missão? Porque muitos judeus, e os judeu-cristãos cujas idéias conhecemos, esperavam que os gentios fossem incorporados ao povo de Deus na era messiânica. Não havia, porém, nenhuma halacá (forma de interpretação rabínica que trata das regras de conduta) determinando as condições para sua admissão. Os judeu-cristãos, que consideravam próximo o fim, tinham de tomar decisões práticas. A exigência normal para pertencer ao povo de Deus era passar pela condição de prosélito e alguns judeu-cristãos, obviamente, pensavam que a mesma condição se devia impor inclusive nos últimos dias[4].

Eles acreditavam em Cristo e faziam missão. É de se supor, no entanto, que Cristo era percebido como aquele que completa o ministério de Moisés.

Assim, o Cristo era visto à luz da lei de Deus e não a lei à luz de Cristo. É de se supor que em sua cristologia o próprio Cristo ficasse num segundo plano, atrás da lei[5].

O conflito gira em torno disso: Paulo afirma aos gálatas ser a fé a única exigência para pertencer ao povo de Deus. Os missionários, além da fé em Cristo, exigiam a circuncisão e a aceitação da lei mosaica como requisitos para esta pertença.

Para eles era quase certo que a lei de Deus e o Cristo se harmonizassem bem. Não haveria conflitos entre ambos. O sucesso que parecem ter tido os judeu-cristãos foi de, exatamente, se autoproclamarem missionários, chamados por Deus, para anunciar as boas notícias ao mundo dos gentios e incentivar os gálatas a reivindicar a herança de Abraão para fugirem à maldição do desejo impulsivo da carne e do pecado e receberem a promessa do Reino dos céus, se fossem perfeitos na virtude dada pela lei.

3. Na verdade, para se detectar a pregação dos "missionários judeu-cristãos" não se pode deduzir o conteúdo apenas pelo "não dito", porém, a partir do que Paulo escreve, procura-se buscar o contrário. Se é correta a hipótese de que os missionários são judeu-cristãos, portanto conhecedores da Sagrada Escritura, se é também certa a afirmação de que os destinatários da missiva são os gálatas, portanto gentios, aí fica o nó da questão para ser desenrolado: Por que Paulo fala a gentios uma linguagem que, num primeiro momento, soasse tão estranha e distante? Os gálatas entenderiam esse linguajar? Só podemos compreender a fundamentação de Paulo, deduzindo que os missionários judeu-cristãos catequizaram os gálatas fundamentados numa pastoral bíblica que, provavelmente, encantou uma boa parte dos gálatas.
   Sobre o método do "princípio do contrário" tenta-se hipotetizar a "evangelização oposta". Baseada no documento em mãos, no caso, a epístola aos gálatas. Este método pode tornar-se arbitrário se se ocultar por trás das interpretações objetiváveis utilizações subjetivistas. Porém, acreditamos que, se houver critérios claros, objetivos e não fantasiosos, ele se torna um princípio hermenêutico válido.
   Veja sobre este método PITTA, A. *Disposizione e Messaggio della Lettera ai Galati*. Roma: PIB, 1992, p. 202; BRISMEAD, B.H. *Galatians. Dialogical Response to Opponents*. Chico: Scholars Press, 1982, p. 91-186.
4. SANDERS, E.P. *Paulo, a Lei do Povo Judeu*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 30.
5. MARTYN, J.L. *Galatians*. N. York: Doubleday, 1998, p. 120-126. Este autor faz uma interessante versão de como deveria ser a pregação dos missionários judeu-cristãos (ele os chama de "Teachers").

4,12-20: A ternura de Paulo

O discurso do nosso evangelizador aqui muda completamente. Antes Paulo brigava, discutia, raciocinava com uma lógica mental e com uma vibração incrível. Usou a Bíblia, a história da salvação, exemplos do direito civil, experências da vida, usou a habilidade dialética para falar da lei e da fé. Não falava de si. Usava o "eu" para uma reflexão nova, ao nível teórico, porém colocando-se de fora (3,2.17; 4,1). A partir de 4,11 temos um "eu" muito pessoal, transparente, que expressa a relação pessoal e amiga que ele tinha com a sua comunidade. É o Paulo carinhoso, delicado e atencioso que se expressa.

Embora a epístola retrate uma situação de polêmica tão intensa, ele não confunde as coisas. Os conflitos não podiam impedir que ele expressasse os seus sentimentos de ternura para com a comunidade gálata. Ele mostrou neste texto ser uma pessoa exuberante. Tantas pessoas perdem a amizade diante de adversidades de pensamento. Ele, embora tivesse a obrigação de usar uma linguagem tão amarga, foi capaz de fazer memória do que ele e os gálatas haviam experimentado reciprocamente, isto é, a afeição e a comunhão comunitária os uniu em Jesus Cristo.

Eles sofreram juntos na doença de Paulo. Assim como superaram aquele momento doloroso, Paulo tem agora esperanças de que poderiam superar a nova doença ideológica que dividiu a comunidade.

A linguagem é comovente. É o amigo quem está falando. Saem as palavras da intimidade. O seu íntimo é revelado e a afeição é manifesta.

Este texto está dentro da segunda parte da Epístola (3,1–5,1) entre duas argumentações escriturísticas. Após mostrar a possível sociedade igualitária (3,26-28), havendo terminado a escravidão porque os filhos de Deus são livres (4,1-11), Paulo agora abre um parêntesis fazendo belas recordações pessoais e mostrando toda a sua afeição para com as comunidades da Galácia.

Nós gostamos de chamar este texto de a "perícope da ternura" porque implica o envolvimento afetivo. Eis o texto:

> [12] Eu vos suplico, irmãos, que vos torneis como eu, pois eu também me tornei como vós. Em nada me ofendestes. [13] Bem o sabeis, foi por causa de uma doença que eu vos evangelizei pela primeira vez. [14] E vós não mostrastes desprezo nem desgosto, em face da vossa provação na minha carne; pelo contrário, me recebestes como um anjo de Deus, como Cristo Jesus. [15] Onde estão agora as vossas felicitações? Pois eu vos testemunho que, se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim. [16] Então, dizendo-vos a verdade, eu me tornei vosso inimigo? [17] Não é para o bem que eles vos cortejam. O que querem é separar-vos de mim para que vós os cortejeis a eles. [18] É bom ser cortejado para o bem sempre, e não só quando estou presente entre vós, [19] meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós. [20] Quisera estar no meio de vós agora e mudar o tom da voz, pois não sei que atitude tomar a vosso respeito.

Vemos neste afetuoso texto algumas informações sobre a evangelização da Galácia:

Não estava nos planos de Paulo parar e anunciar o Evangelho nestas terras. Ele caminhava para cidades mais significativas do Império Romano. Uma doença séria o prende na Galácia. Pelo v. 15 muitos interpretam que a doença seria nos olhos. Talvez uma conjuntivite forte. Realmente é repulsiva.

Percebemos um acolhimento lindo, por parte dos gálatas, ao enfermo Paulo. Eles o receberam como se fosse um "anjo de Deus" ou como "Cristo Jesus" (v. 14). Parece que Paulo esteve mais de uma vez na Galácia (4,13).

É, de fato, um momento diferente da Epístola. Paulo deixa as duras repreensões (3,1-5) e reflexões contundentes (3,6– 4,7), para, numa linguagem amorosa, tentar recriar o elo de ternura e confiança que havia antes de ali terem chegado os missionários.

Nos v. 8-11, vimos os gálatas retornando à antiga escravidão, ou pelas observâncias judaicas, ou por antigos ritos pagãos, mostrando um desapreço sem tamanho para com o Deus da vida que os "conhecia" e os "elegera".

Neste espaço (v. 12-20), o apóstolo usou o pronome "vós" por quatorze vezes, mostrando, sintomaticamente, a força da relação viva que ele tinha com a comunidade, relação pessoal com os seus fiéis cheia de uma afetividade muito viva e profunda.

Os gálatas são irmãos de Paulo (v. 12-17)

Aqui a linguagem que desfila pelo texto é a do carinhoso, do acolhedor, do atencioso, do irmão que quer muito bem aos irmãos.

Os gálatas precisam fazer uma revisão de vida. São chamados de "irmãos". Precisam retornar à alegria do acolhimento que tiveram no passado para com o apóstolo (v. 12-16).

Logo no início (v. 12), vemos o desejo de um encontro afetivo. Surpreende um tanto a quem não conhece Paulo quando ele pede à comunidade que seja como ele. Isto é típico do nosso evangelizador que, tantas vezes, chama uma comunidade para imitá-lo (1Cor 4,16; 1Ts 1,6; 2,3-12; 2Ts 3,7; Fl 3,17; 1Cor 11,1). Ele não pretende ser o modelo último, mas a reprodução do verdadeiro modelo que é Jesus Cristo.

Quem vive a experiência da fraternidade, quem tem a empatia comunitária, quem ama e se sente amado, também nos momentos conflituais, sabe ser grato e humilde. O apelo do apóstolo "eu vos suplico" é o grito do irmão afetuoso que reconhece que os gálatas em nada o ofenderam (v. 12), mas muito o amaram.

Nesta memória feita pelo apóstolo, ele liga a Bíblia com a vida. A Bíblia foi proclamada entre os gálatas por causa de uma enfermidade que envolvera Paulo quando por ali estivera pela primeira vez (v. 13). Recordando os fatos da vida, o evangelista se lembra de passagens tão positivas que retratavam a maturidade dos gálatas na convivência comunitária: a doença que o acometera era repulsiva (v. 14). Porém, diante do

teste experimentado pelos gálatas, que poderiam tratar Paulo com desprezo ou indiferença, a postura foi de uma maturidade sensível. Em vez de um inconveniente enfermo, ele foi assumido gentilmente. Ao contrário de um homem repelente e desprezível, portanto, mortal, foi acolhido como um anjo (v. 14).

No reconhecimento de Paulo a esta bela comunidade, ele vai além na revisão de vida e memorização da sua riqueza, constatando que ela entendeu o Evangelho, ao acolhê-lo como se ele, o repulsivo enfermo, fosse o Cristo Jesus (v. 14). Pode haver uma linguagem mais cheia de afetividade e ternura do que esta? Ele recorda, nesta ligação do Evangelho com a vida, a surpreendente acolhida que tivera por parte dos gálatas. Paulo coloca, carinhosamente, o coração para falar.

A pergunta do v. 15 "onde estão agora as vossas felicitações?" refere-se ao espírito de camaradagem e de alegria que os gálatas tinham experimentado por terem convivido com ele e escutado o Evangelho. A convivência fora marcante. Daí, o momento mais forte na avaliação de Paulo que expressa como ele e os gálatas, realmente, tinham sido tão irmãos: "Se vos fosse possível, teríeis arrancado os olhos para dá-los a mim".

Independente de saber se o problema físico de Paulo era uma moléstia nos olhos (não tem muita importância aqui saber qual seria este problema: sabê-lo-emos, querendo Deus, na escatologia), este v. 15b é de uma profundidade incrível. Na segunda metade do século XX, a medicina deu o grande salto para a era dos transplantes de órgãos (quando o médico sul-africano Christian Barnard fez o primeiro transplante de coração, o mundo ficou extasiado e, a partir daí, o salto para os transplantes de outros órgãos foi um salto acertado); ou seja, quase dois mil anos depois da extraordinária frase de Paulo aos gálatas.

Este "arrancar os olhos" mostra o amor empático em duas direções opostas que se encontram na praça da vida comunitária.

De um lado, a acolhida dada por parte dos gálatas ao frágil Paulo. Eles souberam entender o Evangelho de Jesus, proclamado pelo Apóstolo, colocando em prática o "amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado" (Jo 15,7-17) e o "ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,13). Os gálatas se entregaram a Paulo porque entre eles a experiência da partilha era um fato. Uma pessoa doa os seus órgãos hoje, ou porque morreu, estando o seu corpo à disposição (existem leis para isto), ou porque ainda viva e com saúde, de maneira consciente e livre, tira algo preciosíssimo de si para salvar o outro. Vemos hoje tantos casos de doações de rins feitas por filhos a seus pais ou de irmãos para irmãos. Ambos sobrevivem.

Paulo tinha consciência e deu testemunho (v. 15a) de como a comunidade gálata teria a ousadia e coragem de doar algo preciosíssimo de si para salvar o irmão. Uma das dimensões vivas do ser cristão é o espírito de doação. A expressão no grego é *edokate moi* (= mos teríeis dado) usada pelo apóstolo falando aos gálatas. Portanto, por parte da comunidade gálata, pelo respeito ao Apóstolo, pelo afeto para com ele, pela compreensão do Evangelho, haveria o sacrifício de algo muito precioso (doar os olhos ou qualquer outra coisa vital) transferindo esta riqueza para o outro, por amor.

Do outro lado, a pessoa de Paulo. O apóstolo (1,1), chamado por Jesus Cristo em uma revelação (1,12) para anunciar o Evangelho aos gentios (1,16; 2,9), encontra-se na Galácia como um ser relativo, frágil, doente e, principalmente, humilde. Esta é a outra dimensão que marca antropologicamente a figura do nosso Paulo. Nada de arrogância e prepotência. É o Paulo da simplicidade, vivendo a intensidade da fragilidade humana, precisando dos outros e que, na pequenez dos debilitados, reconhece a riqueza dos irmãos gálatas. O significado da "esmola" (Mt 6,1-4), ou seja, a doação do irmão para o irmão, e o sentido vivo da dependência foram vivenciados na pele por Paulo. Ser dependente é uma dimensão verdadeira da condição humana. Todo mundo precisa do outro. Foi reconhecendo a dependência positiva que ele criou o ambiente para proclamar, com tranquilidade, a Boa-Nova de Jesus Cristo.

Após esta ligação do Evangelho com a vida que formou comunidade, Paulo questiona os gálatas para saber o que aconteceu e por que começou a haver a distância comunitária (não a distância geográfica) em relação a ele. O que os "missionários judeu-cristãos" anunciaram que fez com que muitos membros gálatas mudassem de perspectiva? Os v. 16 e 17 vão atrás disso, orientando a comunidade para retomar o espírito crítico e não ser ingênua diante das propostas dos missionários.

Os gálatas são filhos de Paulo (v. 18-20)

Aqui vemos um apelo para que o Cristo volte a ser formado no meio da comunidade (v. 18-20). A postura comunitária precisa ser retomada.

No v. 19 o afeto se torna mais forte: De "irmãos" (v.12) passa para "meus filhos" (v. 19). A palavra grega *tekna* significa filhos "gerados", não filhos "adotivos". O amor de Paulo para com os gálatas é como o amor de uma mãe que sofre para dar à luz. Aos coríntios ele dissera que era como um pai para eles (1Cor 4,15). Em relação aos tessalonicenses também vemos o aspecto materno do comportamento apostólico de Paulo (1Ts 2,7). Aqui ele vai além: sofre para dar à luz a comunidade.

É uma linguagem materna: "*meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós*". É o coração do apóstolo que está falando, a partir da sua experiência fortíssima da convivência com os gálatas. Ele sofre com a possibilidade de os gálatas se tornarem infiéis. É a sua preocupação humana – tem coração – e a preocupação apostólica que o levam à busca das ovelhas que estão se debandando.

O seu sofrimento parece-se com a dor do parto. "Dores do parto", na língua grega *odin*, é uma expressão metafórica (Sl 7,14; Mq 4,10; Is 26,18; 66,8; Ap 12,2) que significa grande angústia e esforço, angústia e expectativa do que vai acontecer. As mães dizem que, diante da hora que vai se aproximando, principalmente duas coisas ficam intensas em suas cabeças: o pensamento ininterrupto no(a) filho(a) que está para surgir e a ansiedade diante de tudo que está chegando. Paulo está assim. Ele se sente como se fosse a mãe da filha que está para nascer (a comunidade gálata). E a ansiedade

desta mãe (Paulo) é também visível. Ele está em agonia. Pela metáfora, os cristãos gálatas que com ele conviveram no tempo de sua doença ainda não nasceram. Estão sendo formados no útero. A ansiedade é grande porque a criança está se deformando. Ninguém quer que venha ao mundo uma criança com defeitos acentuados.

A deformação é visível. O v. 4,19b sugere que o defeito é a ausência de Cristo entre eles. O Cristo é aquele que gera a vida, que deve formar-se neles e que leva a comunidade a nascer, quando madura, como nova criatura (6,15). Ora, nesta bela metáfora materna, a mãe (Paulo) estaria com a criança (comunidade gálata) no útero esperando que a formação da criança chegasse ao auge (Cristo dá a forma à criança); porém, alguém (missionários judeu-cristãos) começou a afetar a criança no seio materno, e isso pode provocar uma tragédia (nascimento defeituoso, aborto, morte, etc.).

Porém, a mãe nunca cede. Cristo precisa ser formado até a maturidade dos gálatas. As novas dores do parto consistem numa nova evangelização dos gálatas. O processo do nascimento precisa ser reavaliado, porque os gálatas correm o risco de se perder e se afastar de Cristo (3,26-28). Quando foram batizados se revestiram dele (3,27). Tornaram-se um em Cristo. Ele precisa ser formado neles. Como Paulo é o evangelizador dos gentios, os gálatas no local precisam ser um sinal do Evangelho. Como não estão sendo, Paulo sofre as dores de parto.

A mãe, no desespero, escreve que não sabe "que atitude tomar a vosso respeito" e que "gostaria de estar no meio de vós agora e mudar o tom da voz" (v. 20). Se ele pudesse ir à Galácia, possivelmente a situação se modificaria e ele poderia mudar o tom da voz e ser ouvido.

Como a distância era quilométrica, o único recurso disponível foi a epístola da liberdade e da igualdade com a perícope da ternura concluída com esta avaliação do amor maternal.

Conclusão

Este é o nosso Paulo: Às vezes tão exigente e radical. Até assusta!

Aqui o outro lado: amoroso, afetuoso, carinhoso e cheio de ternura. Tudo isto por causa do Evangelho e porque sempre acreditou na vida em comunidade. Isto fica claro no último versículo (4,20) quando se coloca à disposição para ir para junto da comunidade: Para dialogar vivamente e encontrar o tom certo. Busca a solução demonstrando sinceridade e profundidade de afeto.

É importante neste curto artigo sobre a afetividade, a compaixão, a ternura, vermos que Paulo, tantas vezes acusado de polêmico e "durão", não era tão duro assim, não.

Vimos aqui, na epístola aos gálatas, o apóstolo mostrando o seu lado materno: "Meus filhos, por quem eu sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós" (Gl 4,19). Na sua primeira missiva que conhecemos ele extravasa o seu lado tão terno: "apresentamo-nos no meio de vós cheios de bondade, como uma mãe que

acaricia os seus filhinhos" (1Ts 2,7b). Uma outra linguagem materna diz assim: "Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar" (1Cor 3,2). Numa declaração de amor comunitário ele se dirige por duas vezes aos coríntios com tanta meiguice: "Nossa carta sois vós, carta escrita em vossos corações, reconhecida e lida por todos os homens" (2Cor 3,2) e "Será que, dedicando-vos mais amor, serei, por isto, menos amado?" (2Cor 12,15). Na carta mais afetuosa de Paulo, Filipenses, sua declaração de ternura e amor é significante: "Deus me é testemunha de que eu vos amo a todos com a ternura de Cristo Jesus" (Fl 1,8).

Em quase todas as epístolas autênticas as saudações finais expressam um Paulo tão amigo e querido. Esta mentalidade ficou na memória dos seus discípulos. Após sua morte, as cartas posteriores conservaram o estilo e mantiveram a tradição das despedidas carinhosas. Também em Atos, escrito bem depois do assassinato de Paulo, esta lembrança de um missionário sempre cheio de ternura é documentada pelo autor, na despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso, que escreveu assim: "A estas palavras, pondo-se de joelhos, orou com todos eles. Todos, então, desataram em pranto e, lançando-se ao pescoço de Paulo, beijavam-no, aflitos, sobretudo por causa da palavra que ele havia dito: que não haveriam mais de rever o seu rosto. Depois acompanharam-no até a embarcação" (At 20,36-38)[6].

Gl 4,12-20 mostrou-nos um Paulo que, após ser bem firme na defesa das verdades básicas do Evangelho, faz uma memória muito viva ligando a Palavra de Deus com a vida (sua e dos gálatas), mostrando que ali havia uma semente pronta para fazer brotar uma comunidade que desse bastantes frutos. Nesta recordação, com uma linguagem afetuosa tão comovente, o apóstolo lembra-se de como os gálatas o assumiram, apesar de sua enfermidade repelente, realizando o plano de Jesus Cristo "amai-vos uns aos outros" e "ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15,12-13); recorda-se também de como ele, Paulo, exerceu a virtude da humildade, reconhecendo-se profundamente grato e dependente da comunidade gálata.

Este é o Paulo dócil, amigo, afetuoso, carinhoso, profundamente gente, que fala uma linguagem de ternura porque muito amou, por causa do Evangelho, os membros vivos que lutam por comunidades transformadoras[7].

Bibliografia

1) ANDERSON, A. Flora. "O Evangelho da Liberdade". In: *Estudos Bíblicos* (1987), n. 2.

6. Para ler Paulo numa perspectiva que demitiza a idéia de um Paulo "durão", machista, seco e inflexível, sugerimos um livro que foi usado no ano de 1991 por quase todas as comunidades de base e grupos populares do Brasil. Realmente, este livro mudou a mentalidade de milhares de pessoas com relação ao nosso evangelizador das nações: MESTERS, Carlos. *Paulo, um trabalhador que anuncia o Evangelho.* São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 98-105.
7. Neste momento em que estamos terminando este artigo (18/08/99) queremos, com o coração dilacerado, prestar nossa homenagem aos milhares de mortos, desabrigados e desaparecidos da Turquia, onde hoje aconteceu um dos piores terremotos do século. É aí a terra da antiga Galácia.

2) BRISMEAD, B.H. *Galatians. Dialogical Response to Opponents.* Chico: Scholars Press, 1982.

3) MARTYN, J.L. *Galatians.* N. York: Doubleday, 1998 (The Anchor Bible).

4) PITTA, A. *Disposizione e Messaggio della lettera ai Galati.* Roma: PIB, 1992.

5) SANDERS, E.P. *Paulo, a Lei do povo Judeu.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

6) TAMEZ, Elsa. *Contra toda Condenação – Justificação pela fé, partindo dos excluídos.* São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

Joel Antônio Ferreira
Rua 225, Qd. 69, Lt. 02, Apto. 602, Setor Universitário
CEP 74210-090 Goiânia, GO
E-mail: joelfer@cultura.com.br